

OPINIÃO

Segurança digital é proteção de receita, não apenas dos dados

Paulo Lima (\*)

Por vezes a cibersegurança é vista como um investimento com retorno financeiro difícil de ser mensurado, porque o seu trabalho frequentemente previne prejuízos invisíveis ao invés de ganhos explícitos.

Não é possível, por exemplo, calcular a quantidade de pagamentos que foram concluídos porque o sistema evitou ataques hackers e garantiu continuidade na jornada do cliente. No entanto, as perdas são mais fáceis de quantificar. Segundo uma pesquisa da IBM de 2025, o custo médio de vazamento de dados no Brasil ultrapassou R\$ 1,4 milhão.

Empresas mais maduras estão apostando na inteligência artificial como mecanismo de segurança avançada. De acordo com o 2025 Cybersecurity Readiness Index, 93% das organizações brasileiras utilizam IA para entender melhor as ameaças, 87% para detecção de ataques e 74% para resposta e recuperação. A tendência são sistemas de inteligência artificial baseados em machine learning e processamento de linguagem natural, capazes de detectar anomalias e responder autonomamente a incidentes. Assim, ele bloqueia IPs maliciosos, desconecta dispositivos comprometidos e gerencia patches, tudo em tempo real.

Com isso, é possível oferecer correções rápidas, que reduzem o tempo de permanência de hackers em infraestruturas digitais que armazenam dados sensíveis, minimizando perdas e instabilidade dos serviços. Organizações com menos interrupções conquistam a confiança do mercado e valorizam a marca, enquanto as despreparadas quebram a relação com o público. Segundo o relatório de Preparação Cibernética 2024 da Hiscox Cyber Readiness, 43% das empresas entrevistadas perderam clientes após sofrer ataques. Apesar desse dado, ainda é difícil quantificar o retorno

financeiro da satisfação do cliente, mas a lógica é muito simples: sem cliente, não tem receita.

Porém, o público final não é o único com quem as empresas devem se preocupar. Executivos e stakeholders percebem o risco de paralisação por falta de segurança digital estruturada estrategicamente. Portanto, proteger os sistemas demonstra aos investidores que a empresa é resiliente e madura o suficiente para manter as operações rodando e os investimentos rendendo. A Harvard Business Review publicou um estudo que mostra uma queda de 7,5% do valor de mercado em companhias alvo de ataques cibernéticos. Com o valuation caindo, a consequência é o comprometimento das ações no mercado de capital e déficits orçamentários.

Vale lembrar ainda que desenvolver estratégias de cibersegurança com ferramentas de IA vai além de respostas imediatas. A tecnologia analisa tendências de comportamento hacker e ataques comuns, orientando o desenvolvimento dos sistemas de segurança preditivos, que neutralizam a invasão antes mesmo dela começar. Com a habilidade de aprender e melhorar a partir da experiência, a IA consegue antecipar os modelos de ataque emergentes. Isso protege a receita pois evita custos com trabalhadores parados, horas extras para compensar atrasos, redução de estoque disponível, além de pedidos de resgate de dados.

Dessa forma, fica evidente que a cibersegurança é uma dimensão estratégica que protege os ativos financeiros, e as organizações mais maduras estão redesenhando suas arquiteturas digitais, investindo em resiliência e tempo de resposta para garantir que, mesmo diante de incidentes, a operação continue de pé. Em um mundo digital interconectado, decisões de cibersegurança impactam diretamente o lucro e o valor da marca.

(\*) CEO da Skynova, empresa destaque em serviços de e-mail corporativo, cloud computing e segurança digital.

IA não reduz carga de trabalho, mas torna rotina mais intensa, aponta estudo

Ao contrário do que se previa, o uso da inteligência artificial (IA) não está aliviando a rotina dos profissionais, mas sim tornando-a mais intensa.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Segundo estudos da ActivTrak, empresa no Texas, que desenvolveu uma plataforma de análise da força de trabalho e monitoramento de produtividade, a tecnologia tem aumentado a velocidade, a densidade e a complexidade das tarefas, em vez de reduzir o volume de trabalho.

O cenário desmente uma das maiores promessas da IA: a de que a tecnologia libertaria os trabalhadores de tarefas burocráticas para que pudessem se dedicar a atividades mais criativas e estratégicas.

Os resultados dos estudos, divulgados pelo Wall Street Journal, baseiam-se na análise da atividade digital de 164 mil profissionais, totalizando mais de 443 milhões de horas em 1.111 empresas. O volume de informações torna este um dos maiores estudos já realizados sobre o impacto da IA nos hábitos laborais.

Ao comparar o comportamento dos usuários 180 dias antes e depois da adoção de ferramentas de IA, a ActivTrak identificou um aumento de intensidade em quase todas as atividades. Como exemplo, foi constatado que o tempo dedicado a e-mails, aplicativos



de mensagens e chats mais que dobrou, bem como um aumento de 94% no uso de aplicativos de gestão.

Para Gabriela Mauch, executiva da ActivTrak, o problema não é a falta de eficácia da tecnologia, mas como o tempo ganho é utilizado: "Não é que a inteligência artificial não crie eficiência. O que ocorre é que a capacidade que ela libera é imediatamente redirecionada para a realização de outros

trabalhos, gerando o aumento da carga", disse Mauch.

É uma situação similar à que vivemos quando os computadores pessoais chegaram às empresas, quando expectativas similares também não se tornaram realidade.

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjnz@gmail.com.

Blockchain está levando o modelo Software as a Service para as fintechs

Durante décadas, construir uma empresa financeira era um processo lento, caro e altamente concentrado. A infraestrutura necessária para operar pagamentos, crédito ou transferências exigia sistemas proprietários, integração com bancos, autorização regulatória e grandes investimentos em tecnologia.

Esse cenário começou a mudar com a digitalização do sistema financeiro, mas a transformação mais profunda está acontecendo agora. A combinação entre infraestrutura em nuvem, APIs financeiras e tecnologias baseadas em blockchain está alterando a própria arquitetura do dinheiro.

Para entender o que está acontecendo, vale olhar para outro setor que passou por uma revolução semelhante: o software.

Durante muito tempo, empresas precisavam instalar programas localmente, comprar servidores e manter equipes dedicadas à infraestrutura tecnológica. Com o surgimento da cloud computing, esse modelo mudou radicalmente. O software passou a ser entregue como serviço: o conhecido Software as a Service (SaaS).

O que estamos começando a ver no setor financeiro é algo semelhante.

O dinheiro está se tornando infraestrutura programável, acessível por meio de APIs, plataformas e protocolos digitais. Em outras palavras, está começando a operar como um serviço.

Hoje, empresas conseguem integrar pagamentos, contas digitais, crédito e sistemas de liquidação utilizando plataformas que abstraem grande parte da complexidade tecnológica que antes existia.

Assim como a cloud permitiu que milhares de startups surgissem sem precisar construir data centers, a infraestrutura financeira moderna permite que empreendedores criem produtos financeiros sem precisar construir bancos.

Provedores de Banking as a Service, plataformas de pagamentos, APIs de compliance e sistemas de identidade digital formam uma nova base sobre a qual



Renan Georges.

empresas podem desenvolver soluções rapidamente.

Nesse contexto, o blockchain adiciona um elemento ainda mais interessante: a programabilidade do dinheiro.

Protocolos descentralizados permitem criar sistemas de registro, liquidação e transferência de valor sem depender exclusivamente de intermediários tradicionais. Isso abre espaço para novos modelos de operação financeira, especialmente em áreas como pagamentos internacionais, tokenização de ativos e contratos inteligentes.

A consequência disso é uma mudança na lógica de criação de startups.

Historicamente, fintechs precisavam começar resolvendo problemas de infraestrutura. Hoje, muitas delas podem nascer diretamente na camada de aplicação, focando na experiência do usuário e no

design do produto.

Essa mudança reduz barreiras de entrada e acelera o ciclo de inovação.

Para Venture Builders, isso representa uma oportunidade relevante. A construção de novas empresas passa a depender menos de grandes investimentos iniciais em tecnologia e mais da capacidade de identificar oportunidades estruturais no mercado.

O papel do empreendedor muda. Em vez de construir toda a infraestrutura do zero, ele passa a orquestrar diferentes camadas tecnológicas já disponíveis.

Esse modelo tende a gerar uma nova geração de startups financeiras mais especializadas. Em vez de tentar reproduzir o modelo de um banco completo, essas empresas se concentram em resolver problemas específicos da economia digital.

Algumas se especializam em pagamentos para nichos de mercado. Outras criam soluções de crédito baseadas em dados. Outras exploram tokenização, liquidação digital ou novos modelos de infraestrutura financeira.

O ponto central é que o dinheiro está deixando de ser apenas um instrumento econômico para se tornar uma plataforma tecnológica.

Essa mudança ainda está em curso, mas suas implicações são profundas.

Assim como a cloud redefiniu a indústria de software e permitiu o surgimento de milhares de novas empresas, a infraestrutura financeira programável tende a redefinir a forma como startups financeiras são criadas.

Para empreendedores, investidores e construtores de empresas, compreender essa transformação não é apenas uma questão tecnológica.

É entender a nova arquitetura sobre a qual a economia digital está sendo construída.

(Fonte: Renan Georges é Fundador e CEO da Zavii Venture Builder).

News@TI

plataforma all-in-one com foco em orquestração inteligente e autonomia na gestão de identidades

@A idwall, referência em tecnologia para gestão de identidade digital, anuncia hoje a evolução de sua plataforma all-in-one. O movimento consolida a liderança da companhia em biometria, oferecendo a tecnologia de reconhecimento facial mais resiliente e adaptada às características da população brasileira. A nova versão foca em transformar a gestão de risco de um modelo reativo para uma postura proativa, oferecendo autonomia total para que times de fraude e compliance configurem fluxos complexos com agilidade e independência técnica. Desenvolvida para centralizar, em um mesmo ambiente, a análise de Pessoas Físicas e Jurídicas, através de verificação de biometria, documentos e background, a plataforma evoluiu para atender ambientes de negócios cada vez mais complexos, regulados e expostos a fraudes sofisticadas. A proposta é substituir estruturas fragmentadas por uma gestão centralizada de identidade, equilibrando prevenção a fraudes, eficiência operacional e experiência do usuário (www.idwall.co).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioph.com.br); Comercial: comercial@netjen.com.br; Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza. Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Responsável: Lilian Mancuso

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080 Telephone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410